

RESUMO

A partir das muitas evidências de ameaça de perda do património azulejar em Portugal, o artigo evoca a necessidade de se aprofundar o conhecimento das questões socioculturais que constituem desafios à conservação e salvaguarda do azulejo. Conclui com a sugestão de algumas linhas de intervenção, num processo dinâmico de mediação que garanta ao azulejo uma significação social mais condicente com o seu valor histórico, cultural, técnico, científico e artístico, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Património; Azulejos; Sociedade; Gestão do Património.

ABSTRACT

Bearing in mind the multiple evidences of threats to the Portuguese azulejo heritage, this article evokes the need to increase knowledge of the social and cultural issues that constitute threats to azulejo conservation and safekeeping. The author concludes by suggesting some intervention measures, in a dynamic mediation process that may guarantee the azulejo a well-deserved social significance in accordance with its historical, cultural, technical, scientific and artistic value, among others.

KEY WORDS: Heritage; Tiles; Society; Heritage Management.

RÉSUMÉ

A partir des ô combien évidentes menaces de perte du patrimoine des azulejos au Portugal, l'article évoque la nécessité d'approfondir la connaissance des questions socio-culturelles qui constituent les défis pour la conservation et la sauvegarde de l'azulejo. Il conclut par la suggestion de certaines lignes d'intervention, dans un processus dynamique de médiation qui garantisse à l'azulejo une signification sociale davantage en lien avec sa valeur historique, culturelle, technique, scientifique et artistique, entre autres.

MOTS CLÉS: Patrimoine; Azulejos; Société; Gestion du patrimoine.

O Que é do Azulejo Que Estava Aqui?

Marluci Menezes¹

ABANDONO, INCÚRIA, FURTO, DESTRUIÇÃO,
COMERCIALIZAÇÃO: REVERBERAÇÕES DE UMA QUESTÃO
SOCIAL (E NÃO SÓ) MAIS AMPLA?

N o âmbito deste artigo, o interesse aqui refletido pelo azulejo foca-se sobretudo nos processos socioculturais da sua valorização. Nesta ótica, importa aprofundar o conhecimento em torno dos modos de constituição, representação e materialização destes valores. Procurando, por um lado, investigar as práticas sociais e as dinâmicas contemporâneas da sua significação cultural e simbólica. Observando, por outro lado, como a repercussão social destes aspetos pode colaborar (ou não) para a sua salvaguarda e conservação.

No entanto, tendo presente os tantos riscos e ameaças que ainda se colocam à sua preservação – a que o congresso “Azulejo: património em risco?”¹ procurou dar expressão –, quando de um convite para integrar uma mesa de discussão relacionada com o seu *abandono, incúria, furto, destruição, comercialização*, pareceu de interesse voltar a um texto em que, em modo iniciático, se procurou refletir sobre o que despertou esse interesse pela cultura azulejar, conforme seguidamente reproduzido – “[...] o azulejo é um elemento secular da cultura material: ocupa com especial relevância a paisagem cultural do país e apresenta-se como um marcador identitário; com lugar cativo num Museu Nacional, a matéria azulejar é abarcada pelos conteúdos que definem a categoria património, vindo também a protagonizar uma determinada linha de internacionalização do país. A significante exaltação da expressão da matéria azulejar repercute-se em diversos e diferentes contextos, discursos e representações. Valores de uso, função, artísticos, decorativos e estéticos, históricos, técnicos e científicos sustentam a secular cultura azulejar, potencialmente definindo uma singularidade cultural que é plural na diversidade através da qual se revelam aos olhos do observador mais atento: estilos, temas, texturas, materiais, técnicas, cores e padrões. Todavia, o gosto secular pelo azulejo parece também revelar uma relação ambígua das pessoas e comunidades com a matéria azulejar, havendo uma relação de afeto e desafeto, onde tanto é refletido o enaltecimento no uso do azulejo como a sua trivialização, devido ao hábito de usar e ver azulejos” (MENEZES, 2015: 338).

¹ Este texto tem por base uma comunicação oral apresentada no congresso “Azulejo: Património em Risco” [online], realizado em Lisboa entre 20 e 21 de maio de 2021.

¹ Antropóloga, Investigadora Principal do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (marluci@nec.pt).

Por opção da autora, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

AZULEJOS		DESAFIOS À CONSERVAÇÃO	P E R D A
PERFIS DE QUEM ROUBA & COMPRA (destaque para Lisboa)			
Quem rouba	<ul style="list-style-type: none"> “grupos organizados com vários intermediários e onde o processo de investigação policial é mais complexo, mas na grande maioria o perfil destes ladrões é definido por toxicodependentes que roubam em troca de algumas moedas”; “pessoas sem conhecimentos e técnicas na remoção dos azulejos do seu suporte arquitetónico e que não só furtam como partem muitos azulejos durante o processo de levantamento, tornando a perda ainda maior”. 		
Quem compra	<ul style="list-style-type: none"> “turistas de passagem”; “coleccionadores interessados em enriquecer as suas coleções”. 		

Quadro: Marluce Menezes (fonte: BRAGANÇA, 2013).

AZULEJOS		DESAFIOS A CONSERVAÇÃO	P E R D A
TIPOLOGIA DO QUE É ROUBADO (destaque para Lisboa)			
Azulejos mais roubados	<ul style="list-style-type: none"> Sobretudo os “de padrão do século XIX têm vindo a formar-se o alvo preferencial, resultado da grande quantidade de azulejos que revestem as paredes das nossas cidades mas também pelo facto de serem de padrão dificilmente se percebe se os azulejos foram roubados ou adquiridos licitamente”. 		
Edificações mais vulneráveis ao roubo	<ul style="list-style-type: none"> “(…) igrejas, fachadas e escadarias”. 		
Lugares de venda de azulejos roubados	<ul style="list-style-type: none"> “(…) na sua maioria em mercados de pequenas dimensões como a Feira da Ladra”. 		
Motivos que facilitam o furto	<ul style="list-style-type: none"> “(…) facilidade de acessos e, muitas vezes, a falta de conservação preventiva dos edifícios”. 		

Quadro: Marluce Menezes (fonte: BRAGANÇA, 2013).

Em paralelo, foram retomadas leituras que, na sua generalidade, abordam as ressonâncias sociais do património e as questões associadas à sua perda. E que, no caso particular do património azulejar, fizeram recuperar o texto de Joana BRAGANÇA (2013) sobre a “Herança Perdida”, onde, a partir de dados da Polícia Judiciária e do Sos Azulejo, são destacados alguns perfis sociais de ameaça à preservação do azulejo, bem como algumas características contextuais que expõem a sua vulnerabilidade (ver Figs. 1 e 2).

A relação entre a excecionalidade, a valorização do azulejo e a respetiva preservação é, todavia, de difícil gestão frente às várias e diferentes situações de manifestação de ameaça e ‘perda’ da sua integridade – deterioração, substituição, intervenções desajustadas, falta de manutenção e conservação, roubo, vandalismo, tráfico e comercialização ilegal. O que torna relevante a necessária complexificação das questões – a jusante e a montante – que se colocam como desafios à sua conservação e salvaguarda (ver Fig. 3).

E, na sequência dessas releituras, pareceu de especial ênfase recuperar a seguinte questão: “*o que a apreciável demonstração de gosto pelo azulejo, e as manifestações de descuido, desinteresse, vandalização e substituição explicam sobre a relação entre a sociedade e património?*” (MENEZES, 2015: 338). Isto porque o processo social de significação e valorização do azulejo se repercute na continuidade da sua representação como herança cultural. Um processo que, todavia, não é alheio às ameaças de ‘perda’ deste referente da cultura material para o campo do património.

AZULEJOS		DESAFIOS À CONSERVAÇÃO	P E R D A
Falta de conhecimento sobre o seu significado e importância	Vasto & Disperso no território do País	<ul style="list-style-type: none"> Difícil de manter, reparar e conservar. Difícil de proteger contra o vandalismo e negligência. 	
Herança Cultural	Reconhecimento Nacional & Internacional	<ul style="list-style-type: none"> Roubo, venda e tráfico (sobretudo para o exterior, agravado com o aumento do turismo). 	
Excecionalidade	Especificidade da sua integração na arquitetura	<ul style="list-style-type: none"> Humidade por ascensão capilar. Ruturas de água (vãos de janelas e portas, tubos de água). Sais solúveis (cloretos, sulfatos, nitratos). Movimentação dos edifícios. Falta de informação sobre métodos de conservação adequados. 	
Valorização	Exposição & Degradação & Substituição & Renovação	<ul style="list-style-type: none"> Expostos às ações do ambiente (ex. chuva, variações de temperatura, colonização biológica), situação agravada com o facto de muitos estarem situados no exterior. Intervenções desajustadas e descuidadas. Intervenções de substituição por outros materiais, azulejos novos ou réplicas. 	

Quadro: Marluce Menezes.

FIGS. 1 A 3 – De cima para baixo, sínteses...

...dos principais perfis de quem rouba & compra e comercializa o azulejo histórico;

...das principais características contextuais de vulnerabilidade associadas ao azulejo histórico;

...dos principais desafios que se colocam à conservação dos azulejos.

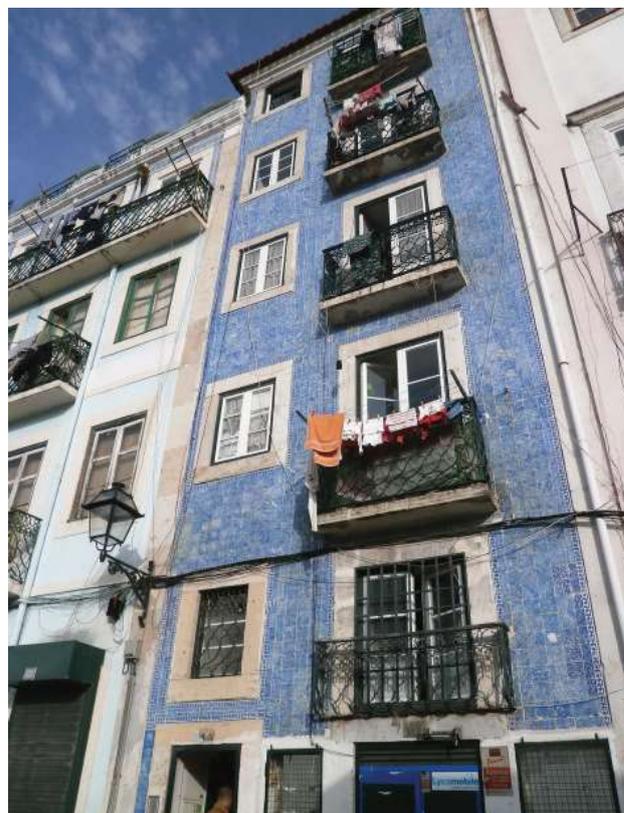
A RESSONÂNCIA DO AZULEJO
 NUMA SOCIEDADE MAIS AMPLA

Um aspeto que se julga fundamental ter em mente é que: “[...] um património não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência de Estado. Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um património precisam encontrar ‘ressonância’ junto a seu público” (GONÇALVES, 2005: 19).

O autor acima referido cita Stephen Greenblatt para esclarecer que concebe “ressonância” como: “[...] o poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante” (GREENBLATT, 1991, citado em GONÇALVES, 2005: 19).

Castanheira das Neves, por exemplo, sintetiza com especial notoriedade a “ressonância” social do azulejo em Portugal quando refere (Figs. 4, 5 e 6): “[...] nas nossas casas, antigas e modernas, principalmente nas fachadas, é tão vulgar o uso do azulejo, liso, polychromo, de desenho mais ou menos elegante que Albrecht Haupt o considera ‘bem característico da arquitectura portuguesa’, e Theodor Bogge ‘característico do País’, como Raczyński o apelidara ‘physionomico’” (CASTANHEIRA DAS NEVES, 1908: 169).

Enquanto elaboração histórica da cultura material, o azulejo ressoa contemporaneamente como uma referência da herança cultural, cujo reconhecimento coletivo como património se realiza, social e simbolicamente, através de uma mediação entre passado, presente e futuro. Esta mediação viabiliza a sua contiguidade espaço-temporal. Reverberando, em paralelo, numa “continuidade renovada” (Reynaldo dos SANTOS, 1957) que, entretanto, igualmente incrementa a relação entre cultura, memória, identidade e sociedade.



FIGS. 4 A 6 – Certas ressonâncias...

Mas, quem ou qual agência define o que é uma herança cultural? O que significa para a sociedade mais ampla a consideração do azulejo como sua herança cultural? Em que medida, num sentido amplo, as pessoas se apropriam (ou não) do azulejo como fazendo parte da sua identidade e herança cultural? Na passagem do que é comum para o campo do excepcional, que ressonância tem a retórica do desaparecimento e destruição do azulejo histórico nos grupos e indivíduos que compõem essa sociedade mais abrangente? Será a sua ‘perda’ entendida como tal pela sociedade, nomeadamente quando a sua concretização também agrega outros tipos de valores e ganhos? Ou, como observado por Ulpiano MENESES (2009: 29): “[...] *como pode algo valer para o mundo todo, se não vale para aqueles que dele poderiam ter a fruição mais contínua, mais completa, mais profunda?*” É significativo sublinhar a repercussão destas questões na salvaguarda do azulejo, nomeadamente quando frente ao facto de que, como observado por José Reginaldo Santos GONÇALVES (2019), todas as ressonâncias trazem consigo dissonâncias (ver Figs. 7 e 8).



COMENTÁRIOS FINAIS

Em prol da salvaguarda do património azulejar muito tem sido feito – desde a investigação técnico-científica e histórico-artística, inventariação e criação de arquivos, ao ampliar de exposições e manifestações, de ações educativas e de sensibilização, de inovação e criação, bem como de algumas ações de responsabilização, regulamentação e criminalização. Mas, ao que parece, muito ainda está por fazer.

Como observado por GONÇALVES (2019: 37), é de ter em conta que “*a ‘ressonância’ que os patrimônios podem encontrar em segmentos sociais da população depende precisamente do sucesso (sempre incerto, imprevisível) desse processo de mediação*”. Pelo que, em termos amplos, parece-nos de interesse, por um lado, fomentar determinadas perspetivas de ação que contribuam para:

- Incrementar a articulação entre cultura objetiva (e que sustenta a ideia de património) e cultura subjetiva (mais sobre como as pessoas, à sua maneira, se ligam ao património), trazendo para esfera pública os diferentes portadores do património cultural (GONÇALVES, 2005 e 2019).

FIGS. 7 E 8 – Algumas dissonâncias...

- Dinamizar o trabalho de proximidade, envolvimento e sensibilização pública, de modo a envolver a copresença junto de diferentes agentes institucionais, mas também o reforço de ações de sensibilização pela salvaguarda do património junto dos circuitos que envolvem as amplas redes de (des)apropriações e (des)usos do azulejo histórico (por exemplo, turístico: turistas, agências turísticas, guias, etc.).

- A ideia de que a significância do azulejo enquanto património é assegurada pela sua integração na arquitetura ser mais (e amplamente) promovida (e popularizada) na esfera pública e enquanto cultura pública – em contextos locais e de copresença. Mas que esta significância cultural e respetivo risco de perda da mesma, seja intensivamente veiculada nos meios de comunicação, nos circuitos mais amplos e junto de diferentes e outros perfis sociais (por exemplo: empreiteiros, arquitetos, imobiliárias, agências turísticas e de *marketing* cultural, etc.).

Por outro lado, julga-se que interessa melhor compreender o lugar que ocupa a significação social do património azulejar no espaço que intermedeia os diferentes dispositivos – históricos, culturais, políticos, técnicos, científicos, artísticos, etc. – de valorização e respetiva desvalorização social do azulejo.

Coloca-se, assim, em consideração o interesse em incrementar um processo dinâmico de mediação social, onde a salvaguarda do património azulejar possa fazer socialmente mais sentido e, como tal, ter mais significado para as pessoas.

AGRADECIMENTOS

Esta reflexão foi desenvolvida no âmbito da Estratégia de Investigação & Inovação do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) 2024-2027, através do Programa “MÍCR - Métodos Integrados de Conservação e Reabilitação do Património Edificado”, nomeadamente da atividade “Transmissão e valorização do conhecimento técnico tradicional, capacitação social e sustentabilidade das intervenções”, e do Projeto “HBuilt_SURFACES_Stories - Superfícies Construídas de Interesse Histórico: valores, representações e significados socioculturais contemporâneos”. Agradece-se aos colegas Sílvia Pereira e Alexandre Nobre Pais pelos preciosos comentários ao texto. 🐶

BIBLIOGRAFIA

BRAGANÇA, Joana (2013) – “Herança Perdida”. *Cadernos de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa. 1: 156-163.

CASTANHEIRA DAS NEVES, José P. (1908) – *Notas Sobre Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. 1.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos (2005) – “Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimónios”. *Horizontes Antropológicos*. 11 (23): 15-36. Disponível em <https://tinyurl.com/2p87uera>.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos (2019) – “Património, Espaço Público e Cultura Subjetiva”. In TAMASO, Isabela; GONÇALVES, Renata de Sá e

VASSALO, Simone (org.). *A Antropologia na Esfera Pública: patrimónios culturais e museus*. Goiás: Editora da Imprensa Universitária, pp. 29-47. Disponível em <https://tinyurl.com/4wwwp4vx>.

GREENBLATT, Stephen (1991) – “Resonance and wonder”. In KARP, Ivan e LAVINE, Steven L. (eds.). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display*. Washington: Smithsonian Institution Press, pp. 42-56. Disponível em <https://tinyurl.com/2s4kjdmx>.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra (2009) – “O Campo do Património Cultural: uma revisão de premissas”. In *Conferência Magna do I Fórum Nacional do*

Património Cultural. Ouro Preto: IPHAN. Vol. 1, pp. 25-39.

MENEZES, Marlucci (2015) – “Azulejo, Cultura, Memória e Sociedade: para um estudo dos significados sociais do património azulejar”. In DELGADO RODRIGUES, José e MIMOSO, João M. (eds.). *Proceedings GlazeArch - International Conference Glazed Ceramics in Architectural Heritage*. Lisboa: LNEC, pp. 337-346.

SANTOS, Reynaldo dos (1957) – *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Editorial Sul Limitada.

[todas as ligações à Internet apresentadas estavam activas em 2024-07-18]

PUBLICIDADE

NEOÉPICA
arqueologia e património
neoepica@gmail.com / Tel. 210793220 / Telem. 960148955/57/58

Prospecção, sondagens, escavação e acompanhamento arqueológico
Conservação e restauro
Ortofotografia e levantamento 3D
Arqueologia da Arquitectura
Geo-Arqueologia
Estudos de Impacto Ambiental